

ESTUDOS DE JAPONOLOGIA NO PERÍODO MEIJI ¹

Elisa Massae Sasaki ²

Resumo: Com o fim do período Tokugawa (1603-1868) inaugurou-se o período Meiji (1868-1912), o que implicou em uma transformação sem precedentes do Japão, quando passou a ter um contato intenso com os países ocidentais, seja enviando missões diplomáticas, como a missão Iwakura, seja recebendo estrangeiros contratados (*Oyatoi gaikokujin*) para adquirir conhecimento e tecnologia e assim se lhes equiparar e até mesmo superar-los na virada do século XIX para XX. Nesse contexto, a Japonologia, isto é, a forma de pensar e imaginar o Japão também ganhou outros contornos.

Palavras-chave: Período Meiji; modernização do Japão; Japonologia, missão Iwakura; *Oyatoi gaikokujin*.

Abstract: In the end of the Tokugawa period (1603-1868), inaugurated the Meiji period (1868-1912), which implies a transformation without precedent in Japan, when it began to have an intense contact with Western countries, sending diplomatic missions, as the Iwakura Mission, as well as getting hired foreigners (*Oyatoi gaikokujin*), to acquire knowledge and technology and thus they match and even surpass them in the late 19th century to the 20th. In this context, Japanology, that is, how to think and imagine Japan also won other contours.

Keywords: Meiji period; modernization of Japan; Japanology; Iwakura mission; *Oyatoi gaikokujin*.

1. Introdução

Ao fim do período Tokugawa ou Edo (1603-1868), o Japão saiu de um isolamento nacional (鎖国 *sakoku*) de mais de dois séculos e a partir da segunda metade do século XIX direcionou toda a sua energia para a realização de um objetivo: estabelecer um estado-nação moderno, voltando-se ao Ocidente. Em termos econômicos, um estado-nação moderno é um estado que tenha experimentado uma revolução industrial; em termos sociais, é um estado com

1 Este trabalho foi apresentado no Simpósio “Natsume Sôseki: época, sociedade, obra”, realizado no Centro de Estudos Japoneses, da Universidade de São Paulo, 18 a 20 de outubro de 2016. Texto baseado em HIRAKAWA (2008).

2 Professora Adjunta do Setor de Japonês, do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (LECO), do Instituto de Letras (ILE), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); elisamassae@gmail.com.

um sistema político centralizado com a participação popular, estruturado sobre as instituições parlamentares de uma ordem constitucional. Além do mais, a natureza e a origem dessas características de um estado são ocidentais, portanto, ainda não haviam se manifestado em nenhuma nação não-ocidental, como no Japão, onde não encontramos nenhuma dessas características no estado *bakuhān*³ 幕藩 de Tokugawa. A sociedade japonesa do século XIX era pré-industrial e a sua economia se baseava nas formas de produção que dependiam muito mais da força de tração animal do que mecânica. Não havia uma grande burguesia que empreendesse financeira e comercialmente, além de ser excluída da participação nas decisões políticas. A estrutura política de Tokugawa era composta por uma burocracia, representada por classes feudais privilegiadas que operavam dentro de um sistema xogunal absoluto (HALL, 1991; HANE, 1992). Apesar do alto nível de homogeneidade cultural do Japão – ou exatamente por causa disso – não havia a concepção de um povo enquanto uma nação que participasse ativamente das questões de um estado.

Dentro deste contexto do período Tokugawa, a atividade intelectual pode ser classificada, de um modo geral, em três categorias: (1) Confucionismo (儒教 *jūkyō*), um pensamento filosófico chinês que possuía um grande prestígio; (2) Estudos Japoneses ou Japonologia (国学 *kokugaku*) que surgiu nos meados do período Tokugawa como uma reação ao sinocentrismo que prevalecia nos círculos acadêmicos; e (3) Estudos Holandeses (蘭学 *rangaku*). Dois desses três campos principais de estudos de Tokugawa derivam da China e Ocidente, portanto são de origem estrangeira. O Japão permaneceu em contato com a China e a Holanda ao longo do período Edo, embora em graus de contatos diferentes.⁴

Os intelectuais da era Tokugawa começaram a observar a habilidade de seus ancestrais de adotar e adaptar a civilização chinesa. Mil anos atrás, os japoneses também pensavam que suas terras existiam fora da esfera cultural mundial. Diferente de outros povos asiáticos que estavam à margem da esfera cultural chinesa, os japoneses desenvolveram logo um método de adaptar textos em chinês clássico para as regras sintáticas de sua própria língua, em vez de ler os clássicos chineses como uma língua estrangeira. O resultado foi o que ficou conhecido como leitura *kanbun* 漢文 que era um procedimento trabalhoso e complexo que acabou envolvendo um treinamento intelectual rigoroso na tradução que, por sua vez, teve

3 *Bakuhān taisei* 幕藩体制 é o sistema governamental implementado pelo shogunato de Tokugawa (1603-1868). *Bakuhān* 幕藩 é a combinação do termo *bakufu* 幕府 que significa o governo militar ou shogunato, e *han* 藩, que é o domínio de um *daimyō* 大名 (um poderoso senhor de terras no Japão pré-moderno).

4 Os portugueses foram os primeiros europeus a se estabelecerem no Japão nos meados do século XVI. Nos anos 1570, Nagasaki 長崎 (ao sul do país) abriu-se como o principal porto para o comércio exterior e se tornou o centro para o jesuíta Francisco Xavier converter o Japão ao Cristianismo. Os portugueses também trouxeram armas de fogo nesse período de guerras internas entre os *daimyō* 大名 (COSTA, 1995). Mas foi através dos holandeses que o Japão tomou conhecimento da Ciência Ocidental.

como consequência a nacionalização de uma língua estrangeira (HIRAKAWA, 2008, p.443).

No final do século XVII, Itô Jinsai 伊藤 仁斎 (1627-1705) de Kyôto propôs os Estudos Antigos (古学 *kogaku*), buscando o caminho dos sábios indo diretamente aos Analetos, Mêncio e outros clássicos confucionistas. Assim, a escola de Jinsai pode ser considerada uma forma de revivalismo da antiguidade. Pouco depois, Ogyû Sorai 荻生 徂徠 (1666-1728), também defendeu os estudos antigos e teve um impacto ainda maior no cenário intelectual da época. A influência desses ensinamentos foi sentida além do campo de estudo confucionista. Por exemplo, os estudos japoneses ou então estudos vernaculares (国学 *kokugaku*) defendia que o primitivo e “verdadeiro coração japonês” seria descoberto apenas se rejeitasse o “espírito da China” e que isso seria feito da melhor maneira estudando o *Kojiki* 古事記⁵, o *Man'yôshû* 万葉集⁶ e outros antigos clássicos japoneses (Ibid, p.444).

Em 1815, aos 82 anos, Sugita Genpaku 杉田 玄白 (1733-1817) publicou “*Rangaku kotohajime*” 蘭学事始 (“O início dos estudos holandeses”)⁷, em que lembra as circunstâncias em que ele, junto com Maeno Ryôtaku 前野 良沢 (1723-1803) e seus associados começaram a formidável tarefa de traduzir um volume das tabelas anatômicas, “*Taefel Anatomia*” (*Ontleedkundige Tafelen*) que era uma tradução holandesa de uma obra de anatomia do médico alemão Kulmus. Sem nem mesmo o treinamento linguístico mais elementar, Sugita e seus associados começaram a traduzir essa obra do holandês substituindo para o japonês os nomes estrangeiros das partes do corpo que apareciam nos diagramas anatômicos. Essa tradução foi concluída em 1774 e ficou conhecida como “*Kaitai shinsho*” 解体新書 (“*Novo Texto da Anatomia*”). Pode-se considerar que foi a partir disso que os estudos holandeses surgiram na área de Medicina e logo passaram para outros campos, como estudos linguísticos, astronomia, geografia, física, química e ciências militares. Embora tenham surgido no cenário acadêmico relativamente tarde, os estudos holandeses eram bastante presentes no final do período Tokugawa e alguns especialistas dessa área viam a necessidade de reconsiderar o sistema de reclusão nacional que impedia a troca intelectual entre o Japão e o Ocidente nos meados do século XIX.

Muitos séculos antes, entre 607 e 894 d.C, a corte japonesa patrocinou mais de uma dúzia de missões de estudos à China para observação e instrução direta na cultura das Dinastias de Sui e de T'ang. São enormes os contrastes entre esses empreendimentos

5 *Kojiki* 古事記 (*Relatos de Fatos do Passado*) é considerada a obra histórica mais antiga do Japão, publicada em 712. É composta de três volumes: no primeiro conta-se o mito de origem e nos demais descreve os reinados e a genealogia dos primeiros imperadores japoneses.

6 *Man'yôshû* 万葉集 (*Antologia das Dez Mil Folhas*) é uma antologia poética de 20 volumes, com cerca de 4.500 poemas de autorias variadas, desde o imperador até os camponeses anônimos, publicada mais ou menos em 760.

7 Tradução livre para o português dos títulos das obras japonesas mencionadas, apenas para fins de esclarecimento ao leitor, que será adotada ao longo deste texto.

e os humildes esforços de Sugita e seus colegas que tiveram os livros escritos em uma língua que eles não sabiam ler para acessar a cultura ocidental. Mesmo assim, os estudos holandeses se difundiram. Diferente dos tempos em que o Japão importou a civilização chinesa, estudar no Ocidente durante o período Tokugawa estava fora de cogitação – aqueles que se dedicavam aos estudos holandeses nunca poderiam receber instruções de seus colegas japoneses, muito menos de professores estrangeiros, exceto por meio de algumas informações esparsas que poderiam conseguir com os intérpretes japoneses que acompanhavam os representantes da Companhia Holandesa das Índias Orientais durante suas estadas no Japão.

Apesar de tudo, a tradução de “*Tafel Anatomia*” por Sugita e seus associados indicava a resposta positiva do Japão em relação à civilização ocidental à medida que havia uma motivação pessoal somada à imensa curiosidade intelectual e pragmatismo dos estudiosos japoneses em relação ao mundo exterior. Talvez em parte por causa de seu relativo isolamento, o Japão manteve uma autonomia cultural substancial a partir do que era possível manejar na assimilação. Essa limitação geográfica insular contribuiu para enfatizar a manutenção e a força do “espírito japonês” enquanto buscava “técnica ocidental”.

2. Navegar em busca de conhecimento na virada do século XIX ao XX

Um dos grandes fenômenos no Japão dos meados do século XIX foi o grande desejo de os japoneses educados conhecerem o mundo afora. Depois de oitenta anos de estudos holandeses, muitos japoneses estavam insatisfeitos em aprender sobre o Ocidente somente pelos livros. Depois de dois séculos de política isolacionista que marcou o período Tokugawa, o americano Comodoro Perry e sua Esquadra Negra chegaram ao Japão em 1853. Os navios a vapor de Perry, considerados um símbolo de superioridade tecnológica do Ocidente, convenceram os japoneses da sua inferioridade (REISCHAUER, 1989). Essa consciência de crise fez com que percebessem que para se defender contra os bárbaros (como se referiam aos estrangeiros ocidentais), era necessário conhecê-los.

Ao se depararem com uma aparente civilização superior representada pelos países europeus, os japoneses se confrontavam com as tarefas de atingir a modernidade, tornarem-se um estado-nação, seguindo a abertura de seu país (開国 *kaikoku*). Para tal, tinham que criar um governo central, treinar os burocratas para administrar o estado, instituir um exército e uma marinha baseados no recrutamento universal, organizar um sistema legal, adotar o capitalismo, abolir os privilégios feudais, implementar a igualdade das classes sociais, consolidar um sistema de educação e reformar seus costumes (PYLE, 1996).

O responsável pela formulação desses objetivos e que foi central na sua execução nos primeiros anos da era Meiji foi Ôkubo Toshimichi 大久保 利通 (1830-1878), um

líder do domínio de Satsuma⁸ 薩摩 que tinha o poder político real durante a primeira década do governo Meiji. Comparado com o seu colega de Chôshû⁹ 長州, Kido Takayoshi 木戸 孝允 (também chamado de Kido Kôin¹⁰, 1833-1877), Ôkubo foi mais conservador e não queria sacrificar a tradição japonesa em nome da modernização. Mas mesmo para Ôkubo, a política de *Bunmei kaika* 文明開化 ou “Civilização e Iluminação” que o Japão adotou, permaneceu como sinônimo de ocidentalização.

Essa determinação foi compartilhada por diferentes tipos de homens que pode ser exemplificada comparando os casos de Yoshida Shôin 吉田 松陰 (1830-1859) e Niiijima Jô¹¹ 新島 襄 (1843-1890) que, num primeiro momento, não se pareciam em nada. Yoshida ficou conhecido na história como um nacionalista fervoroso, com lealdade total e inquestionável ao imperador. Saber que o *bakufu*¹² 幕府 concordara em assinar os humilhantes tratados desiguais, levou-o a ensinar e a conspirar de forma extremada a tal ponto de ser morto durante a execução em massa de Ansei (安政の大獄 *Ansei no taigoku*, entre 1858-1860). Por outro lado, Niiijima era um ardoroso cristão que saiu da sua jurisdição feudal e encontrou proteção, gentileza e Cristianismo nos Estados Unidos. Foi educado em Amherst College e em Andover Seminary, retornou ao Japão e fundou a primeira universidade cristã chamada Universidade Dôshisha, 同志社大学 (*Dôshisha daigaku*)¹³, em Kyôto, na antiga capital e o centro do Budismo japonês. Apesar das diferentes trajetórias, Yoshida e Niiijima¹⁴ compartilhavam uma receptividade e curiosidade em relação ao Ocidente e um grande desejo de aprender sobre o mundo ocidental, aceitando o desafio colocado pelo Ocidente.

Mas Yoshida Shôin e Niiijima Jô não eram os únicos japoneses que queriam conhecer o mundo ocidental diretamente. Altos oficiais do xogunato que proibiram viajar para terras estrangeiras também desejavam fortemente ver o Ocidente com os seus próprios olhos e, nessa época, criaram uma marinha como as nações ocidentais. Em fevereiro de 1858, os representantes japoneses negociaram o Tratado de Amizade e Comércio entre os Estados Unidos e o Japão e nos anos seguintes, várias missões diplomáticas japonesas (使節団

8 O domínio de Satsuma 薩摩 se localizava ao sul do Japão e atualmente corresponde à província de Kagoshima.

9 O domínio de Chôshû 長州 também se localizava ao sul do Japão durante o período Edo ou Tokugawa (1603-1868) e atualmente corresponde à província de Yamaguchi.

10 É possível haver leituras diferentes para os mesmos nomes ou prenomes como neste caso: 孝允 Takayoshi e Kôin.

11 Também conhecido como Joseph Hardy Neesima.

12 *Bakufu* 幕府 é o termo japonês para se referir ao shogunato, isto é, governo comandado por militares ou xoguns.

13 Também referida de forma abreviada como 同大 *Dôdai*.

14 Sobre personalidades que desempenharam papéis importantes no processo de modernização do Japão, veja MIURA, ITO WATT (2001).

shisetsudan) foram enviadas aos Estados Unidos e Europa, no final do período Tokugawa, antes mesmo da era Meiji (1868-1912).

Em 1860, o xogunato de Tokugawa (幕府 *bakufu*) enviou a primeira embaixada japonesa aos Estados Unidos, que ficou conhecida como “*Man'en gannen kenbei shisetsu*”¹⁵ 万延元年遣米使節. O objetivo era ratificar o novo Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre os Estados Unidos e o Japão. Um fato importante dessa missão foi o enviado navio de guerra japonês, o *Kanrin Maru* 咸臨丸, para acompanhar a delegação pelo Pacífico, demonstrando que o Japão havia aprendido técnicas de navegação e tecnologias navais ocidentais em poucos anos, depois de dois séculos e meio de política isolacionista.

Depois dessa primeira missão ao exterior, o *bakufu* enviou missões maiores e menores todos os anos até ser derrubado em 1868. Em 1862, a segunda missão diplomática viajou pelos estados da Europa em busca de aprovação para postergar a abertura de mais quatro portos de tratados. A terceira missão foi para França, que se esforçou inutilmente para assegurar o fechamento de Yokohama enquanto porto. A quarta missão foi à França e à Inglaterra em 1865 para negociar as condições para a construção da fundição e estaleiro de Yokosuka 横須賀. A quinta missão foi à Europa e se dirigiu para Rússia em 1866 para estabelecer a fronteira entre o Japão e a Rússia em torno das ilhas Sacalinas (樺太 *Karafuto*). A sexta missão participou da Feira Mundial de Paris em 1867. Essa última embaixada tinha a missão de persuadir a França em aumentar a sua ajuda ao xogunato de Tokugawa, mas ela ainda estava na Europa quando o *bakufu* foi derrubado em 1868 (ISHII, 1966).

Embora essas missões tivessem atribuições diplomáticas específicas para lidar com a situação doméstica ou relações exteriores à época de suas indicações, intencionalmente ou não, elas também fizeram contribuições importantes ao estudo do Japão e da assimilação da civilização ocidental. Além disso, quando consideramos os estudantes enviados à Europa pelo *bakufu* e ilegalmente pelos domínios de Chôshû 長州 e Satsuma 薩摩 ou Hizen 肥前¹⁶, vemos que o movimento para estudar nas “terras bárbaras” expandiu-se e se desenvolveu em todo o Japão. Se incluirmos toda a tripulação de *Kanrin Maru* 咸臨丸 na primeira missão do xogunato de Tokugawa para o exterior, mais de trezentos japoneses viajaram para o estrangeiro antes do período Meiji.

Cada uma dessas missões investigaram as instituições e civilização das nações para as quais foram enviadas, mas a segunda foi a mais sistemática e minuciosa, sendo instruída para prestar atenção particularmente à política, administração escolar e sistemas militares. As atividades de Fukuzawa Yukichi 福澤諭吉 (1843-1901),

15 “*Man'en gannen kenbei shisetsu*” 万延元年遣米使節 significa literalmente “missão enviada aos Estados Unidos no primeiro ano da era Man'en” (1860).

16 O domínio de Hizen 肥前 se localizava ao sul do Japão, entre as atuais províncias de Saga e de Nagasaki.

Terashima Munenori¹⁷ 寺島 宗則 (1832-1893), Mitsukuri Shûhei 箕作 秋坪 (1826-1886) e outros aprendizes de estudos ocidentais consistiam em investigar os diversos aspectos dos países visitados, tais como a Inglaterra, França e Rússia. Fukuzawa que já tinha ido aos Estados Unidos dois anos antes, fez muito mais do que simplesmente contemplar esses países com olhar vislumbrado de um turista – muito além disso, ele discerniu a inevitabilidade de uma transformação sociopolítica que logo iria acontecer no Japão. Assim, o início das atividades iluministas de Fukuzawa na era Meiji pode ser remetido a essa viagem a serviço do xogunato Tokugawa.

3. Fukuzawa Yukichi 福澤 諭吉 (1843-1901)

Nos anos 1860, os estudos e a língua holandesa foram substituídos pelo inglês que logo se tornou a primeira língua ocidental para os intelectuais japoneses. Essa transição de estudos holandeses para o aprendizado ocidental foi descrita por Fukuzawa Yukichi 福澤 諭吉 (1843-1901) na sua obra “*Fukuô jiden*” 福翁自伝 (*Autobiografia*), publicada em 1899, na qual discorre sobre suas experiências no setor de estrangeiros de Yokohama em 1859, depois que os portos haviam sido abertos. Quando ele foi visitar essa cidade, tentou falar holandês com os estrangeiros, mas descobriu que a comunicação era impossível. Chocado, porém destemido, ele se dedicou ao inglês. Fukuzawa foi o pioneiro em estudar inglês e se tornou um pensador iluminista que explicou o desenvolvimento da história japonesa em termos ocidentais. Enfatizou a importância da necessária mudança fundamental do Japão da era Meiji.

Fukuzawa Yukichi, então um jovem estudante de holandês, viajou para São Francisco (Estados Unidos), a bordo do *Kanrin Maru* 咸臨丸, o primeiro navio japonês a atravessar o Pacífico. Tendo iniciado nos estudos holandeses, Fukuzawa já tinha uma boa noção sobre ciência natural, o que facilitou a sua compreensão das explicações sobre as invenções mais recentes feitas nos Estados Unidos. Mas, em contrapartida, os aspectos sociais, políticos e econômicos continuavam incompreensíveis. Ele procurou integrar esses elementos e observar toda a organização que havia feito aquela civilização ocidental funcionar. Por exemplo, os seus colegas podiam admirar o tamanho da locomotiva, observar a velocidade do trem ou medir o tamanho e o peso dos trilhos. Mas Fukuzawa foi muito mais além – o seu interesse o levou a investigar a composição das companhias ferroviárias, as atividades bancárias, ou o controle conjunto da Inglaterra e França sobre as ferrovias do Egito. Em suma, ele tentou observar não apenas a tecnologia, mas também os aspectos sociais da civilização ocidental. Para ele, o importante era apreender o que não estava escrito nos livros, como os assuntos técnicos ou científicos. Ele compreendia que era necessário aprender muito mais sobre os assuntos da vida diária diretamente das pessoas, pois os europeus não os descreviam em livros por serem muito óbvios. E para os japoneses, essas questões comuns eram, portanto, as mais difíceis de

17 Nome original é Matsuki Kôan 松木弘安 (o prenome Kôan também pode ser escrito como 弘菴).

se compreender. Depois que Fukuzawa retornou ao seu país, com uma visão empírica e realista, ele organizou suas anotações, checou as informações encontradas nos livros que ele havia comprado no exterior e publicou “*Seiyō jijō*” 西洋事情 (“*As Condições do Ocidente*”) entre 1866 e 1869.

“*Seiyō jijō*” foi a primeira obra mais sistemática da estrutura da civilização ocidental escrita por um japonês, numa linguagem que pudesse ser compreendida por qualquer pessoa. Em certa medida, isso foi feito para aumentar a apreciação do Japão ao Ocidente, mas ao mesmo tempo, contribuiu à visão do futuro estado Meiji por meio da sua visão reformista.

A Restauração Meiji alterou totalmente a liderança política do Japão e fortaleceu a vontade de aprender sobre o Ocidente, levando à sua instauração em 1868. Uma das maiores missões oficiais enviada logo após a Restauração Meiji ficou conhecida como “Missão Iwakura” (岩倉使節団 *Iwakura shisetsudan*).

4. Missão Iwakura (岩倉使節団 *Iwakura shisetsudan*)

No dia 23 de dezembro de 1871, o governo Meiji despachou o Embaixador Plenipotenciário Iwakura Tomomi 岩倉具視 (1825-1883) para os Estados Unidos e Europa. Ele chefiou uma delegação de 48 membros, junto com 59 estudantes da classe samurai, sendo que 5 eram mulheres.¹⁸ Foi nos tempos mais estáveis do governo Meiji que se permitiu enviar a Missão Iwakura 岩倉使節団 (*Iwakura shisetsu dan*) para os Estados Unidos e Europa por um período tão longo.

Depois que se iniciou a era Meiji, o novo governo aboliu os velhos domínios do Japão de Tokugawa e forçou o estabelecimento de um sistema moderno de prefeituras ou províncias 廃藩置県 (*Haihanchiken*), em 1871. Somente depois de quatro meses que líderes como Iwakura Tomomi 岩倉具視 (1825-1883), Kido Takayoshi 木戸孝允 (1833-1877), Ôkubo Toshimichi 大久保利通 (1830-1878) e Itô Hirobumi 伊藤博文 (1841-1909) foram para o exterior, estendendo a sua estada por um ano a mais do que havia sido planejado inicialmente e retornaram ao Japão no dia 13 de setembro de 1873, depois de uma viagem de 631 dias.

O objetivo da missão Iwakura era rever os tratados desiguais ratificados e firmados em Washington pela primeira missão de Tokugawa aos Estados Unidos em 1860, mas as intenções reais de seus membros eram descobrir as condições no Ocidente e adaptá-las ao Japão para criar um novo estado Meiji. Os líderes de então achavam que ao

18 Entre os membros da Missão Iwakura, estava uma menina de sete anos chamada Tsuda Umeko 津田梅子 (1864-1929), carregando uma boneca que simbolizou o retorno à paz. A ideia de uma garota estudando no exterior seria inimaginável antes da Restauração, mas depois de sua longa estada na América, Tsuda voltou ao Japão e fundou o que mais tarde veio a se chamar Universidade Tsudajuku 津田塾大学 (*Tsudajuku daigaku*) para Mulheres, uma instituição, que junto com a Universidade de Keiō (慶應義塾大学 *Keiō Gijuku Daigaku*, que pode ser abreviado como 慶應 *Keiō* ou então 慶大 *Keidai*) de Fukuzawa e 同志社大学 *Dōshisha daigaku* (também referida como *Dōdai* 同大) de Nijjima, contribuíram muito para elevar a educação privada no Japão moderno.

revisar os tratados desiguais eles teriam que reestruturar o Japão para emparelhar com os estados ocidentais e reformar as leis e instituições domésticas para se alinharem às potências ocidentais. Embora a missão Iwakura fosse muito maior do que as que foram enviadas por Tokugawa, a proposta e a tarefa eram essencialmente as mesmas: estudar e aprender sobre o Ocidente. Eles visitaram câmaras de comércio, escolas para surdos e mudos, museus, estaleiros, fábricas de biscoito, escolas femininas, prisões, escritórios de telégrafos, estratégia militar – tudo isso num ritmo frenético. Kume Kunitake 久米 邦武 (1839-1931), em 1878 publicou uma série de relatórios chamada “*Tokumei zenken taishi bei-ô kairan jikki*” 特命全權大使米欧回覽実記 (“O verdadeiro registro de observações da missão diplomática para América e Europa”) nos quais descreveu a rotina corrida da delegação.

Assim como “*Seiyô jijô*” 西洋事情 (“*As Condições do Ocidente*”) de Fukuzawa, o “*Jikki*” 実記 (“*Relatos Verdadeiros*”) de Kume foi organizado por cada país. Os pensadores japoneses classificaram as nações ocidentais de acordo com a sua “superioridade” e “inferioridade”. Os investigadores de estudos holandeses já haviam descoberto que os textos médicos holandeses eram em sua maioria traduções do alemão e assim aprenderam sobre a superioridade alemã nesse campo. Do mesmo modo, estudando por meio de livros, viajando ao exterior e recebendo conselhos de professores estrangeiros, escolheram o melhor que cada nação podia oferecer para assimilarem.

Os japoneses aprenderam sobre o desenvolvimento naval e industrial britânico; a Prússia, que derrotou a França em 1871, foi um modelo de organização militar; a França ofereceu um modelo de sistema político centralizado e padrões legais e educacionais; os Estados Unidos estimularam o desenvolvimento agrícola em Hokkaidô, ilha mais ao norte do Japão. A missão Iwakura encontrou na Prússia um modelo de modernização mais desenvolvido que pareceu apropriado para emular. Os japoneses da era Meiji voltaram-se muito mais aos Estados Unidos e Europa do que aos países asiáticos para planejar sua nação mais rapidamente e selecionaram os pontos fortes de cada nação ocidental nesse processo.

O Japão foi acumulando muito mais conhecimento e experiência com o Ocidente ao longo do século XX, nos períodos posteriores à era Meiji. Mas pelo menos em relação aos líderes japoneses, o conhecimento deles em relação aos países estrangeiros não foi maior qualitativa e quantitativamente. Os estadistas mais antigos da Restauração, por um lado, cresceram de acordo com os valores tradicionais de Tokugawa, mas ao mesmo tempo, eles sabiam lidar com o Ocidente. Os ativistas da Restauração tiveram uma sensibilidade perspicaz nos seus contatos com os estrangeiros. Para os líderes do governo Meiji, a missão Iwakura proporcionou um contato de primeira mão com o mundo ocidental. Para a maioria deles, essa foi a primeira viagem, embora Itô já tivesse ido à Inglaterra quando era um jovem estudante de Chôshû. Por fim, foi a experiência compartilhada por Iwakura 岩倉, Ôkubo 大久保, Kido 木戸 e Itô 伊藤 que produziu um consenso sobre o futuro caminho do Japão.

5. Os estrangeiros contratados お雇い外国人 *Oyatoi gaikokujin*

A assiduidade do Japão em adotar os costumes e as instituições estrangeiras que se seguiu durante a Restauração Meiji, algumas vezes dá a impressão aos ocidentais, assim como para muitos conservadores japoneses, de que o Japão estava deixando de lado toda a sua civilização tradicional para se apropriar dos atributos materiais e espirituais dos estados modernos ocidentais. Claro que boa parte desse programa era uma questão de estratégia. A China derrotada pelos britânicos nas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), seguida pela extensão dos tratados desiguais do Japão firmados pelos americanos Comodoro Matthew Perry e Townsend Harris deixaram os líderes japoneses apreensivos. Eles se sentiram expostos à ameaça militar e concluíram que se eles entrassem na arena conhecida pelas nações ocidentais, eles também deveriam se equiparar com as armas que as potências possuíam. Mas perceberam também que a base do poder ocidental não se limitava ao armamento – em certa medida, esse poder se baseava na sociedade civil que estava sujeita às transformações sociais e econômicas da Revolução Industrial e, desse modo, a busca do Japão pelo poder também implicou na construção de instituições sociais e políticas baseadas no modelo ocidental.

Ao perseguir esses objetivos de buscar, equiparar-se e mesmo superar o Ocidente, o governo Meiji criou *slogans* para todos os aspectos de seu esforço – “Enriquecer o país, fortalecer o exército” (*Fukoku kyôhei* 富国強兵), “Civilização e Iluminação” (*Bunmei kaika* 文明開化) e “Revisar os tratados (desiguais)” (*Jôyaku kaisei* 条約改正). O governo japonês contou com professores e técnicos estrangeiros para alcançar esses objetivos. Para assimilar a cultura ocidental, os japoneses que aprenderam lendo livros e com a experiência direta no Ocidente, agora adotaram uma política estatal de convidar um grande número de professores estrangeiros, que ficou conhecida como “*Oyatoi gaikokujin*” お雇い外国人, isto é, “os estrangeiros contratados”.

Imediatamente após a abertura do país, os estrangeiros com quem os japoneses estudaram foram principalmente holandeses, embora o primeiro instrutor sistemático sobre artes e ciências ocidentais tenha sido um alemão, Philipp Franz von Siebold (1796-1866) que chegou a Nagasaki como médico junto com o posto comercial holandês em 1823. Enquanto estudava a língua, história, geografia, animais e plantas do Japão, ele praticava e ensinava medicina aos estudantes japoneses numa escola privada chamada *Narutakijuku* 鳴滝塾, fundada em 1824. Durante a era Tokugawa, a curiosidade japonesa inicialmente era voltada para a medicina e astronomia ocidental, mas no final dessa mesma era, os japoneses começaram a se interessar mais pelos armamentos e métodos militares ocidentais, refletindo a gravidade da situação internacional. Em 1855, o governo de Tokugawa montou um instituto de treinamento naval em Nagasaki para o qual convidou uma equipe de instrutores holandeses para dar treinamento sobre navegação. Assim, os

primeiros “estrangeiros contratados” foram Pels Rijcken (1810-1889) junto com 22 instrutores que chegaram ao Japão em 1855, e Huyssen van Kattendycke (1816-1866) e um grupo de 37 pessoas que vieram pouco mais tarde (UMETANI, 1965).

Inicialmente, poucos estrangeiros foram contratados e a maioria deles eram franceses e ingleses. Nos conflitos finais contra os domínios de Satsuma e Chôshû, Tokugawa procurou estreitar o relacionamento com a França, enquanto esses dois domínios ao sul do Japão se aproximaram da Inglaterra. Em 1862, o *bakufu*, com a ajuda da França, construiu um estaleiro em Yokosuka 横須賀 e começou uma fundição em Yokohama 横浜, assim como inaugurou uma escola de língua francesa aí. O governo Meiji pegou a velha estrutura do *bakufu* das mãos de Tokugawa e recebeu o novo “armazém” de Yokosuka. Importante notar que não apenas o local em si, mas os estrangeiros que aí estavam trabalhando também foram apropriados pelo novo regime. Isto é, o governo Meiji adquiriu novas instalações assim como os preciosos recursos humanos, seja de japoneses que haviam sido enviados ao exterior no final do período Tokugawa, seja de estrangeiros contratados.

Durante o período Meiji, um crescente número de estrangeiros serviu ao governo e empreendimentos privados. O número de estrangeiros contratados pelo governo atingiu cerca de 520 pessoas em 1875, mas depois de 1894, o total anual era menos que 100 pessoas. Em contraste, inicialmente o número de estrangeiros em empresas privadas era menor, mas chegou a alcançar cerca de 760 contratados em 1897. Em termos de ocupação no governo, a maioria deles eram engenheiros e educadores alocados nos ministérios da Indústria e da Educação e no setor privado, o número de educadores foi aumentando ao longo do tempo. Ao verificarmos em termos de nacionalidade, entre os contratados pelo governo, os britânicos eram mais numerosos como educadores e engenheiros, seguidos de alemães. No setor privado, a maior parte se compunha de educadores americanos.

Se considerarmos a relativa influência de diferentes nacionalidades, é interessante notar as mudanças nos números de estrangeiros contratados em vários segmentos do governo. Em 1872, dentre os estrangeiros empregados pelo governo, 199 eram do Reino Unido, dos quais 104 eram engenheiros do Ministério da Indústria e 49 eram franceses, dos quais 24 eram técnicos de construção naval. Entretanto, em 1881, as estatísticas mostram que havia 96 ingleses, 32 alemães, 12 americanos e 10 franceses. As áreas em que determinadas nacionalidades predominavam os Ministérios da Indústria, Naval e de Comunicações, pelos ingleses, sendo que os americanos no desenvolvimento de Hokkaidô (UMETANI, 1965).

Os orçamentos do governo Meiji revelam que, por exemplo, um terço do montante do Ministério da Indústria era destinado para o pagamento de salários desses estrangeiros contratados, assim como um terço do orçamento da Universidade Imperial de Tóquio, a primeira universidade moderna a ser estabelecida no Japão, também era alocado para eles. Em outras palavras, em todos os setores do governo, os altos salários desses estrangeiros contratados, assim como o envio dos japoneses

para estudar no exterior, implicavam um enorme investimento (UEMURA, 2008). Talvez exatamente por causa desses altos custos os japoneses estudaram tão assiduamente com os dispendiosos professores estrangeiros, sendo notável a diligência com que os japoneses se dirigiam aos seus mestres para obter novos ensinamentos.

Criar uma “grande civilização” significava educar todos os seus compatriotas e isso teria que ser feito rapidamente para que o Japão pudesse ter um lugar adequado entre as nações do mundo em termos de riqueza e poder. Como poucos japoneses haviam aprendido as habilidades requeridas até então, o país não tinha outra escolha senão empregar muitos estrangeiros inicialmente. Mas não era bom depender das técnicas alheias – ao fazer isso, trariam ganhos temporários, mas não a riqueza e a força que seriam adquiridas ao longo de várias gerações. Nesse sentido, os líderes do governo Meiji pretendiam que os estrangeiros contratados tivessem um papel temporário e subsidiário no desenvolvimento do Japão e queriam que os japoneses fossem treinados para substituírem os estrangeiros o mais rápido possível. Embora no começo o Japão fosse totalmente dependente dos professores e técnicos estrangeiros, os japoneses conseguiram transplantar as técnicas industriais ocidentais e produzir pessoas capacitadas que se tornaram surpreendentemente autossuficientes em um curto espaço de tempo, de quinze a vinte anos.

Os numerosos estrangeiros contratados pelo governo Meiji não apenas serviram como professores, mas também introduziram novos estilos de vida, no sentido mais amplo. Os professores estrangeiros sempre se impressionavam com a influência e a força que seus exemplos pessoais assumiam, com uma importância quase oracular aos jovens estudantes que estavam em parte enraizados nos valores tradicionais e ao mesmo tempo ávidos em aprender a força intrínseca da “civilização”. O Capitão Leroy Lansing Janes (1838-1909) em Kumamoto (ao sul do Japão) e o agrônomo William Smith Clark (1826-1886) em Hokkaidô (ao norte do país) atuaram muito mais como professores religiosos do que muitos missionários que foram enviados ao Japão depois que o governo japonês rescindiu as proibições contra o Cristianismo em 1873 e os maiores grupos da pequena, mas influente igreja protestante em Kumamoto e em Hokkaidô (HOWES, 1965).

Além disso, muitos costumes da civilização ocidental ou empresas capitalistas foram introduzidos pelos estrangeiros contratados pelo governo Meiji. Por exemplo, o dia de Natal, que se tornou feriado numa terra não-cristã, veio com os residentes estrangeiros, como muitos outros aspectos do cotidiano. Muitos aspectos da vida ocidental foram ensinados pelos estrangeiros mais no seu dia a dia do que por meio de instruções formais. Além dos ensinamentos formais, esses estrangeiros deram aos japoneses a oportunidade de adquirir os modos ocidentais observando os estilos de vida e atividades cotidianas estrangeiras.

6. Considerações finais

A passagem do período Tokugawa para a era Meiji na virada do século XIX para o XX foi marcada por profundas mudanças em vários aspectos no Japão. Diante do inevitável contato com o mundo ocidental, os líderes japoneses dessa época foram sagazes e ávidos em apreender o que fosse possível, não só em termos de ciência e tecnologia, mas o *modus vivendi*, como se quisessem aprender os passos para dançar conforme a música tocada no ambiente internacional. Vários observadores e de diferentes áreas notaram o empenho dos japoneses em adquirir o conhecimento de tudo o que fosse possível, como foi o caso de Fukuzawa Yukichi. Mas ao mesmo tempo, ainda que o processo de modernização e de ocidentalização tivesse sido muito intenso, ainda assim, os japoneses mantiveram e/ou continuam mantendo a sua cultura e valores nipônicos, selecionando o que fosse melhor dentro da sua compreensão e conjugando ao seu modo, elementos aparentemente tão díspares.

É neste contexto que, em 1900, Natsume Sôseki 夏目漱石 (1867-1916) não à toa viaja à Inglaterra como bolsista do Ministério da Educação do Japão para estudar literatura e ensino da língua inglesa. Sendo a Inglaterra um dos países que o Japão tomava como referência da civilização ocidental, ele também, assim como muitos japoneses educados da sua época, entra no fluxo de consciência histórica da virada do século XIX para o XX, concordando ou questionando os rumos que o Japão vai tomando. Em 1903 regressou ao Japão, lecionou na Universidade Imperial de Tóquio, mas abandonou o ensino dois anos depois e passou a se dedicar à literatura, tornando-se um dos maiores romancistas do Japão moderno.

Referências Bibliográficas

- COSTA, João Paulo Oliveira e. 1995. **A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses**. Lisboa: Instituto de História Além Mar, Universidade Nova de Lisboa, 1995.
- HALL, John Whitney. The Gathering Foreign Crisis (cap.11). In: **Japan, from Prehistory to Modern Times**. Michigan classics in Japanese studies, n.7. Center for Japanese Studies. Michigan (US): The University of Michigan, 1991, p.243-252.
- HANE, Mikiso. **Modern Japan – A Historical Survey**. Colorado (US): Westview Press, 1992, 2nd edition. (1st edition: 1972)
- HIRAKAWA, Sukehiro. Japan's Turn to the West (cap.7). In: JANSEN, Marius (editor). **The Cambridge History of Japan, vol.5, The Nineteenth Century**. UK: Cambridge University Press, 2008, p.432-498.
- HOWES, John F. "Japanese Christians and Americans Missionaries". In: JANSEN, Marius, B. (ed.), **Changing Japanese Attitudes towards Modernization**. Princeton: New Jersey: Princeton University Press, 1965, p.337-68. *Apud* HIRAKAWA, *Op. cit.*, 2008, p.472.
- ISHII, Takashi. 石井 孝「明治維新の国際的環境」吉川弘文館 (Meiji Ishin no Kokusai Kankyô) / [O ambiente internacional da Restauração Meiji], revised Edition. Tokyo:

Yoshikawa kôbunkan, 1966. *Apud* HIRAKAWA, *Op. Cit.*, 2008, p.460

MIURA, Akira; ITO WATT, Yasuko. 三浦昭, ワット伊東泰子「日本を知ろう—日本の近代化に関わった人々」(Nihon wo Shirô – Nihon no kindai ni kakawatta hitobito) / [Conheça o Japão: Pessoas envolvidas na modernização do Japão]. Tokyo: Aruku, 2001.

PYLE, Kenneth B. **The Making of Modern Japan**. Second Edition. Lexington, Massachusetts, Toronto: D.C. Heath and Company, 1996.

REISCHAUER, Edwin O. **Japan – The Story of a Nation**. Tokyo: Charles E. Tuttle Co. Publishers, 1989, 3rd edition.

UEMURA, Shoji. 植村正治「明治前期お雇い外国人の給与」流通科学大学論集—流通・経営編—第21巻第1号 (Meiji Zenki Oyatoi Gaikokujin no Kyûyo. Ryûtsu kagaku daigaku ronshû, Ryûtsû keiei hen) / [Salários dos estrangeiros contratados no início da era Meiji. Boletim da University of Marketing and Distribution Sciences (UDMS), Japão, volume sobre Distribuição e Administração], vol.21, n.1, p.1-24, 2008. Disponível *online*: <<http://www.umds.ac.jp/kiyou/r/21-1/r21-1uemura.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

UMETANI, Noboru. 梅溪昇「お雇い外国人：明治日本の脇役たち」日本経済新聞社 (Oyatoi gaikokujin: Meiji Nihon no wakiyakutachi) / [Estrangeiros contratados: Os apoiadores do Japão da era Meiji]. Tokyo: Nihon keizai shinbun sha, 1965, pp.209-23. *Apud* HIRAKAWA, *Op. Cit.*, 2008, p.468